



**A**  
**MENTIRA**  
**DA**  
**NGUEVINHA**

**HÉLIO SOZINHO**

# **A Mentira da Nguevinha**

**Hélio Tchuvica Sozinho**

***Ficha Técnica:***

**Título:** A Mentira da Nguevinha

**Autor:** Hélio Tchuvica Sozinho

**Editora Digital:** "ÁGUA PRECIOSA"

**Texto:** Verdana 12

**Capa:** Belson Hossi & Hélio Tchuvica Sozinho

**Imagem de Capa:** Monika Konwerska Técnica Mista

**Revisão de Texto:** Mille Tavares

**Lubango, 2022**

# Índice

<b>PREFÁCIO</b> .....	6
<b>Nota do Autor</b> .....	10
<b>Nguevinha</b> .....	12



## PREFÁCIO

É com grande prazer e honra que aceitei a tarefa desafiante de prefaciar a obra literária «*A mentira da Nguevinha*», da autoria do ilustre professor *Hélio Tchuvica Sozinho*, colega de profissão e companheiro da jornada profissional, que sempre aliou a investigação e o debate académico das principais questões socioeducativas dos nossos tempos.

Apresentada no âmbito do trabalho e contribuição que o autor tem prestado à comunidade do Lubango, cujos impactos ultrapassaram e continuarão a ir para além das fronteiras dessa cidade huilana, no seguimento do impulso motivacional que a Academia de Autores da Huíla tem lhe prestado. Tendo a natureza literária de conto, conforme sugere, ab initio, o título da obra, significa que o texto se apresenta como uma breve narrativa fictícia, como reflexo das diferentes dinâmicas sociofamiliares das nossas gentes, nos nossos tempos.

A obra demonstra, mais uma vez, aquilo que temos partilhado com nossos colegas de profissão e com os estudantes ou alunos de diferentes ambientes académicos, de que o contexto sociofamiliar é uma fonte inesgotável de situações factuais que nos ajudam a aliar a teoria apresentada nas várias literaturas científicas, com o desígnio de se construir

uma prática mais coerente e sólida, responsável pela consolidação e desenvolvimento dos conhecimentos e competências esperadas do indivíduo, enquanto cidadão.

Sobrevoando o conteúdo da presente obra, entrará em contacto com as acções protagonizadas pelas várias personagens, com destaque para o velho Kossengue progenitor do Jambito e, claro, da irreverente Nguevinha, autora da encruzilhada que conecta quase todas as personagens chave. Outrossim, é o recurso implícito aos princípios da solidariedade e da partilha nas situações e makas que nos envolvem a todos, enquanto sujeitos que compomos as nossas comunidades, estando demonstrados nas atitudes e acções dos vários agentes ou actores com responsabilidades de assegurar zelosamente o respeito e cumprimento das regras que presidem à convivência social.

Com efeito, o nosso meio social nos apresenta e disponibiliza várias obras com a mesma natureza e tipo literários como a presente, com grande destaque à «*Teoria do Desconhecimento*» do categórico *Eduardo Agualusa*, mas, nessa obra o autor busca conteúdo nas pulsações e dinâmicas no quotidiano das nossas comunidades, o que a torna original e, por isso, fácil de captar o sentido e alcance da mensagem nela contida. Essa perspectiva possibilitou o nosso enquadramento para, através das presentes notas, prefaciá-la obra.

Esta e outras questões que em geral presidem a nossa curiosidade e paixão pelo conhecimento que agrega valor ao homem, enquanto ser social, recomendam vivamente a leitura e consulta permanente do «Conto da Nguevinha».

***Bartolomeu da Silva***

*Professor de profissão, formado em Direito e Chefe de Departamento de Educação Especial da Huíla*



## Nota do Autor

Presados! Ao partir para esta aventura literária, movido pelo conceituado autor internacional **Ondjaki**, a quando da sua passagem pela Huíla, onde tive a oportunidade de participar numa das oficinas que, resultou em uma conversa particular longa que, inspirou partir para esses escritos resultantes das vivências diárias num *Lubango imaginário*, com as suas façanhas, ajustada numa linguagem diastrática e diatópica, com a criatividade que só os leitores, poderão avaliar e emitirem a sua reação.

*O vosso servo*

*Tcuvicavica*



## Nguevinha

Naquela noite e madrugada a Nguevinha não conseguiu pregar o sono, pois no dia seguinte faria a última prova de estatística aplicada que a habilitaria para o ingresso na AGT (Autoridade Geral Tributária).

Mesmo não tendo apanhado sono, a Nguevinha acordou as 05 horas para se preparar e ter um dia sem estresse depois de uma noite não dormida. Nesta altura a tia Mbombotela a mãe da Nguevinha já havia saído para a “caúla nos armazéns”, deixou por isso o matabicho feito e, a porta principal entreaberta onde passou a Nguevinha para ir ao quarto de banho que se encontrava do outro lado do quintal há sensivelmente 5 metros.

Foi do intervalo da porta que a Nguevinha ouviu o roncar dos caterpílares e outros jeeps e, a medida que abria a porta, o som era cada vez mais activo e próximo. Curiosa e inteligente, mesmo com fadiga vespertina, interessou-lhe ir atender o bater do portão quando pousou a bacia com água pronta para o banho, em cima da sanita, mas na

precipitação colocou mal a bacia e acabou por quebrar.

-Quem é você que está a bater assim essa hora o portão, pah! – perguntou a Ngueve, nervosa pela perda de sono, a bacia quebrada e pelo batimento violento do portãozinho enferrujado que, quase não suportava a força brutal de um polícia treinado na última mobilização daquele ano.

-Autoridade, abre rápido senão vamos partir essa casa com as pessoas ali dentro-respondou arrogantemente o policial.

-Já vai. Assim que abriu o portão “moribundo”, “-pupulukutu, pwa- ”. Era a Nguevinha caída e desmaiada, naquele chão lamaçal, com a toalha desmontada a forma como estava preparada para o tão desejado banho interrompido pelo evento matutino.

Atónito o agente da polícia que batera o portão, debruçado contemplava os mamilos da Nguevinha que estavam despídos e tezinhos, destapados de um colorido traje menor quase vistoso e chamativo que cheirava o transpiro produzido pela adrenalina da ansiedade da prova e pela postura do plicial.

-Isso é o quê? - perguntou o Jamba que havia chegado cansado do serviço de garçoneiro, num dos casinos da cidade quando encontrou a Nguevinha ainda exercitando a matéria para aprova decisiva da sua vida profissional e, pediu que ela fizesse um funge àquela hora e, de repente a viu deitada com a toalha quase que destapada e com dois trajes menores um cobrindo o que a toalha deixou a céu aberto e o outro que lhe escapou da mão, ficando a mercê da lama.

Diante daquele alvoroço, o Jamba pega a sua irmã, a leva para dentro, mas com a pressa, tropeça no fio que prendia o cão de guarda do quintal e, de repente estavam os gémeos (Jambito e a Nguevinha), o polícia e o cão, todos no chão.

Rapidamente os gémeos puseram-se em pé e, correram para dentro de casa, enquanto o polícia e o cão reboavam no lamacento chão, enquanto ouviam gritos de socorro, vindos de parte incerta. Ninguém sabia ao certo de onde vinham os gritos. Quase todos vizinhos naquela manhã viviam o mesmo trauma, mas em relação a casa da tia

Mbombotela, era que ao invés do polícia estar a dar ordens, estava sim na casa da Nguevinha, mas deitado a pedir socorro, com a sua arma em parte inserta e o cão a tentar comer a joelheira do polícia que exalava o cheiro de uma pasta de liamba, quando este, tentava a todo custo guardar o pika e, procurar a arma que parecia ser o único elemento de vida ou morte naquele momento.

Quem de facto não entendia aquele momento eram os gémeos: a Nguevinha estaria a sonhar depois de uma noite não dormida, o Jambito desconfiava de um pesadelo que o marido da sua colega com quem anda aos namoricos, estava a fazer confusão, por ter chegado em casa às quatro da manhã.

De seguida, tio Kossengue, esposo da tia Mbombotela, mãe da Nguevinha e Jambito, que estava na cama, a ouvir o noticiário, onde o governador anunciava que não passaria daquele mês para as demolições das casas daquele bairro, interrompe a audição, liga para o Nguito (o Nguito é o Miguel, o filho mais velho do tio Kossengue).

O Nguito, era um taxista da rota Maringa-Chioco, mas que foi despedido e substituído pelo sobrinho do antigo patrão que, havia ido à Luanda, tentar a vida depois de se venderem os dois últimos bois dos pais, afim de entrar numa das universidades privadas luandenses, mas afinal, andou na boa ou má vida, perdeu tempo, a idade aumentou, os bois acabaram, as coisas apertaram e, a solução foi regressar a casa do seu tio que tinha dois quadradinhos na via, em que um deles andava já com o outro irmão e como sangue com sangue não se fatiga, tiveram que sacrificar mesmo o Nguito.

O Nguito agora é o agente Miguel, estava de plantão como motorista dos serviços prisionais, apenas haviam duas semanas de trabalho, um emprego que segundo se ouve no bairro, o Jambito por influência nos casinos em que trabalha, falou com o director da cadeia que, era jogador viciado em batota e, este, arranjou um emprego ao Miguel, o Miguelito ou Nguito.

-Aló Nguito tens que vir agora em casa porque há problemas de verdade. Entrou aqui em casa um bandido - continuou-, empurrou a Nguevinha que ia fazer prova final e, quando o Jamba foi lhe ver, lhe "deram" também com um pau das costas e agora está ali a gemer. É melhor você fazer rápido. - Mas pai eu estou na porta para carregar os presos daquele julgamento dos bandidos que roubaram os fios da energia do bairro, junto com os moços que assaltaram aquelas colunas da igreja. - respondeu o Nguito. - O quê? - retorquiu o tio Kossengue - estás a gozar ou quê? Quem te arranjou esse emprego não foi o teu irmão Nguito? Ele agora tem problemas você não reconhece? Vem agora para ajudar a resolver esse problema. Você é o irmão mais velho e, és o único que tem carro aqui para levar os teus irmãos no hospital. - mas pai - cala essa boca pah, vem cá rápido, pensas que eu ...eu também já estou a me sentir mal - nesta altura o telefone do tio Kossengue se desliga.

- Aló, aló...- aló pai, aló pai-dizia o Nguito e ninguém atendia.

De repente no recinto prisional entra uma caravana de viaturas do Director da cadeia que já havia concertado com o juiz da causa, qual era o comportamento dos réus que seriam julgados naquele dia. No mesmo dia, uma comissão de inspectores nacionais e o responsável dos recursos humanos do interior, fariam uma vistoria aos guardas prisionais a fim de serem promovidos ou não.

O director entra, passa pela secretaria e pergunta porquê que ainda não estão todas as condições criadas para transportar os presos para o tribunal.

-Está tudo chefe só faltava a assinatura do senhor Director-respondeu o chefe de brigada destacada naquele dia para o processo de transporte e escolta dos detidos ao tribunal. -Trás cá isso que eu assino isso antes mesmo de entrar no meu gabinete, até porque estes *gajos* foram os que roubaram os fios de energia do bairro da minha mãe e, hoje temos a visita de uma comissão muito importante, não vale apenas me fazer merda hoje.

Depois da assinatura e do ultimato pontual, o chefe da escolta, dirige-se ao pátio do estabelecimento prisional preocupado enquanto apruma o seu uniforme, pois sabia da presença da visita, num to vistoso e aparecedor, pergunta: - O que é que se passa meu? Encosta bem o carro para pôr os camaradas nas viaturas para o tribunal.

-Não posso chefe – respondeu o Nguito. - O quê? Estás a gozar ou o quê? – Encosta rápido vais ser punido, ainda não conheces as regras? Fizeste juramento e esqueceste por...? – Disse o Oficial.

Neste instante o Nguito cria uma encruzilhada na sua mente e viaja para um passado em que o seu pai o ajudou na escola, imaginou as batalhas pelas quais passara para “encontrar” o emprego, lembrou da morte do seu tio numa madrugada em que ninguém o socorreu por falta de transporte, quase ficou petrificado.

Enquanto fazia essa “introspecção” ouvia no seu parlamento íntimo vozes dissonantes: umas a dizendo vai! Outras a ordenarem para estacionar a

viatura e, algumas a apelarem em simultâneo o sim e o não aceitar a ordem do maioral. Mas ele se interrogava não aceitar ou aceitar o quê? Ir socorrer os irmãos? Levar os presos ao Tribunal ou as ameaças do chefe? Sem hesitar o responsável baixa ordem para encaminhar os réus para a viatura do Nguito que se encontrava posicionada aproximadamente a oito metros da porta.

Numa velocidade de Luz e, como o carro já estava em posição de saída, e os portões não tinham sido bem encostados, o Nguito esquece os poucos dias de trabalho, o juramento que fizera, pisa fundo o acelerador, avança até ao portão onde estava o seu colega que sinalizou a paragem, sem sucesso.

O instinto do guarda da porta lembrou o juramento que fizera e das consequências que teria caso deixasse passar aquela viatura sem a autorização. Tentou fechar a outra parte do portão, mas já era tarde, então decidiu colocar-se em frente da viatura, mas o gozo pela sua vida falou mais alto e preferiu tirar a vida do seu colega, Nguito que

apesar de ser novo viviam no mesmo bairro e era seu cunhado.

Tentou pela última vez mandar parar viatura que o Nguito conduzia, mas o passado de Nguito o dava forças para romper com quem quer que seja.

O director da cadeia há mais de 30 anos de serviço nunca tinha visto algo tão insólito, nem mesmo os inspectores imaginavam existir agentes prisionais a oferecerem um espectáculo matutino, digno de um filme do Texas. Os colegas do Nguito tentaram sem sucesso ir atrás da veloz e potente viatura de transporte de presos.

Os presos que estavam no interior do estabelecimento apenas ouviam gritos, assobios, palmas barulho de tambores, tiroteios, ao que mais tarde viriam saber que aqueles aplausos eram devidos ao espectáculo que os guardas prisionais estavam a oferecer diante dos presos, seus familiares e sobretudo na tentativa de não sair mal na fotografia perante o director, o inspector dos

serviços prisionais e o chefe dos recursos humanos que, o director já havia anunciado a sua vinda.

-Parem este camarada seus incompetentes! Gritou o director- se não me pararem este homem vocês todos serão punidos e despromovidos. Na intenção de obter uma remissão diz: - Ainda bem que está aqui o homem dos recursos humanos e os inspectores - o Director da cadeia dizia aquelas palavras em meio ao medo porque sabia que também seria avaliado, despromovido ou transferido.

-Quanto azar justamente no dia de hoje – segredou o Director aos seus botões.

Quem não queria saber das consequências do que viria a ter depois era o Nguito que, estava mais preocupado em salvar os irmãos gémeos e o velho Kossengue. Nguito acelera o carro, bate com a parte frontal esquerda da viatura, onde estava o seu colega a tentar impedi-lo; acto seguinte o

portão bate no braço e perna direita do seu colega e cunhado, o outro colega que estava escalado para as revistas dos visitantes naquele dia, tenta pelo menos socorrer o outro e lá vinha o portão a voltar a abrir-se ao fechar de novo empurra os dois para o chão interior do estabelecimento prisional.

Efectuaram alguns disparos de aviso no ar para impedir o Nguito sair do recinto, mas sem sucesso. Foi aí que o chefe de brigada, ordenou que disparassem diretamente para os pneus e inviabilizar a saída de Nguito. Infelizmente não podiam cumprir aquela ordem porque haviam dois colegas a tentar impedir a saída de Nguito. E se o tiro não fosse certo no pneu? E se acertasse o colega? Em fim eram tantas interrogações que num pensamento coordenado em telepatia todos decidiram não disparar e, penso que mesmo que o chefe da brigada estivesse no lugar deles também faria o mesmo. Naquele *trungungo* todo, a arma do guarda do portão ficou encravada, e ao tentar desencravar, foi impedido pela força do portão que se trancou, pois alguém acionou o alarme de

segurança de todas as portas e automaticamente todos os portões da cadeia fecharam-se e a arma ficou fora do portão, onde passava um antigo combatente que havia madrugado a procura de lenha para o seu alambique que fica mesmo ao lado do estabelecimento prisional, onde os guardas têm feito os seus quilápis nos “dias maus”.

Chateado pelo facto do seu filho nunca ter sido admitido pelos serviços prisionais, pegou a arma com toda experiência colocou-a no feixe de lenha e jurou nunca mais devolvê-la, ao menos que fosse muito bem recompensado.

Os colegas do Nguito e os demais espectadores ficaram todos dentro do recinto prisional com muros altos e cerca eléctrica, mas ninguém podia abrir o portão devido o código de protecção e segurança automática nele montado em caso de emergência ou invasão dos presos e assim ninguém podia entrar nem sair naquelas condições.

Por questões de confiança, segurança e estratégia, quem sabia o código era só chefe do património e a directora adjunta da cadeia; eram os únicos. Todavia a directora adjunta estava de férias na sua fazenda e já tinham passado dois dias do prazo normal da sua apresentação, até porque também tinha que ser cadastrada e talvez promovida pelo tempo de serviço, bom comportamento e aumento de nível académico. Já o chefe do património estava de folga, mas os seus dois telefones estavam desligados por falta de carga pois no seu bairro não tinha energia pelo que não conseguiu carregar os telefones.

Diante do desespero um sargento prisional segredou ao chefe da escolta que o chefe do património passou a noite em casa da segunda mulher. Ele sabia disso porque é sobrinho dessa segunda mulher do homem do património e por via disso chegou a ser promovido a sargento. Ele obviamente conhece a casa da tia e, é possível que esteja com os telefones desligados para não ser chateado pela primeira mulher. Mas mesmo que

quisesse não podia sair porque os portões estavam trancados e codificados.

Chamaram o chaveiro para ver se estava com a chave do gabinete do homem do património, mas ele disse que devido mesmo a questões de segurança e exclusividade ninguém podia ter acesso ao gabinete do património.

-Isso é indisciplina. Senhor Director tomar medidas imediatamente ou tomamos nós. - Exclamou nervoso o responsável da inspecção geral dos serviços prisionais.

-Chame urgentemente a tropa de elite para romper a porta desse gabinete antes que as coisas piorem - disse o director. - É pra já respondeu o chefe da escolta.

-Chefe a energia foi e as chaves da casa do gerador ficam no gabinete do homem do património.

Porrr... tudo isso no mesmo dia? Estão a tentar me boicotar, mas não vão conseguir vamos lá agora- respondeu o Director Prisional. De seguida o director se dirige para o gabinete para ver se encontra uma solução, mas se lembra que ele tem um telefone estratégico guardado numa das gavetas da sua secretária, mas o telefone tinha problemas de altifalante e o director só usava este telefone no seu gabinete; saca-o e de forma subtil dirige-se os fundos das instalações da cadeia para desesperadamente fazer alguns contactos pontuais.

O Nguito consegue desfazer-se daquele alvoroço, liga a Cirene e percorre os 15 quilómetros que separa o estabelecimento prisional a casa de seus pais, inesperadamente no meio do trajecto encontrou um forte engarrafamento, pois a polícia havia interdito uma das ruas porque o Ministro que veio na mesma comissão dos inspectores iria igualmente visitar as futuras instalações de um centro estratégicos da polícia. E como era mesmo um centro estratégico, ninguém sabia e nenhuma viatura poderia circular mesmo que fosse

ambulância tinha que esperar que o evento começasse.

Apesar de o carro que o Nguito conduzia, estar devidamente caracterizado com os dísticos dos serviços prisionais e, exibindo o seu passe de identificação foi impedido de passar pela única avenida que o levaria à casa, afinal de contas ordens superiores não se questionam, só se cumprem.

-Alô Maior. Daqui é o Inspector Nacional Adjunto estamos presos aqui na cadeia que viemos visitar. - O quê? vocês foram inspecionar os serviços prisionais e vos prenderam? Isso é abuso. - Redarguiu o Ministro.

- Não excelência é que... tintitintiintimmm. Era o telefone do inspector chefe que não tinha rede pois como o sistema de segurança foi accionado, o sistema de comunicação igualmente foi bloqueado.

O ar condicionado das celas parou, o calor começou a aumentar, as janelas se trancaram e os presos começaram a pedir socorro.

O director da cadeia, diante do gabinete do responsável do património tentaram junto com a tropa especial prisional, sem sucesso romper a porta, e isso o aborrecia ainda mais. Tudo diante dos importantíssimos visitantes que por desconfiança dos relatórios que têm recebido, preferiram constatar de perto a realidade. Quanta realidade!

Depois de receber o telefonema incompleto do Inspector geral Adjunto, o Ministro ordenou que se cancelasse a visita, se desbloqueassem as ruas pois temia pela sua segurança. Foi ali que finalmente o Nguito conseguiu seguir o seu percurso e como conhecia bem a sua banda, conseguiu passar pelos becos até chegar em casa, onde encontrou a Ngueve que estaria a fazer prova, com xuxas para fora a acusar o polícia agressor. Quando o cão viu o Nguito ficou mais sanhado e voltou a pular na

joelheira do agente que já tinha quase todas as calças rotas, o cão de guarda do tio Kossengue, não largava por nada a joelheira e a cotoveleira, que depois de apurarem todos os factos, descobriu-se que o jovem polícia guardava um pedaço de canábis num destes objectos de protecção das articulações.

O agente da polícia tenta sacar a pistola para intimidar o Jambito nervoso que vinha destemido devido a suposta agressão da sua irmã gémea.

Na luta do trio (polícia, Jambito e o cão), o agente insistia em não passar por aquela vergonha e por isso tinha que matar o cão. No mesmo quintal vivia também um casal de langas cuja mulher viajara para Ponta Negra por uma Semana, mas que já estava a fazer quase um mês. As reservas dos telefones de negócio já haviam terminado, o langa não tinha necessidade de acordar cedo, mas como aquele foi um dos dias que a mulher disse que viria sem falta, diante daquele, o vizinho langa, pensou que fosse a mulher que chegara aquela hora do dia marcado, mas ao tomar conhecimento dos

acontecimentos conseguiu neutralizar o polícia, desarmar a pistola e atirá-la em parte inserta do quintal, pois tinha domínio de artes marciais.

No decurso dos acontecimentos, alguém ligou para a polícia, um para os bombeiros e outro para o hospital e quase que num congresso de sirenes: a viatura dos serviços prisionais que o Nguito conduzia, as duas ambulâncias solicitadas e mais três carros da polícia, para além de algumas buldózeres e escavadoras caterpílares, três camiões basculantes, dois V8 com vidros fumados, uma centena de cupapatas e caleluias, uns incontáveis táxis perfilados, dezenas de jovens internautas influenciadores digitais a fazerem os lives nas suas páginas do Youtube, Facebook ou Tik tok, outra centena de zungueiros entre peixeiras e lotadores, para além populares e vizinhos, transeuntes, curiosos e como é de se esperar certos ociosos que viam ali uma oportunidade de conseguir um tosto ou alguém distraído e dele extrair um bem valioso, aliás não fosse um gigantesco motim matutino

agitando a cidade naquele indelével dia em que o mal foi banalizado.

Na mesma rua cenário, estava a circular o juiz Ndangala relator do processo cujos presos o Nguito levaria ao tribunal, mas a medida que se aproximava, o seu escolta, o "Boy G" reconheceu a sua mãe na sua faixa de rodagem contrária, que vinha sendo empurrada e acusada de ser ela a mandante das máquinas de demolição pois já há muito havia prometido.

-Dr juiz aquela é a minha mãe, deixa-me só saber o que se passa, eu sei como é que esse povo é, por favor!!! - pode ir- respondeu o juiz Ndangala, jovem recém-formado e nomeado com as lições de direitos humanos bem assimiladas e, no sorteio processual calhou exactamente com um processo cuja querela era bicuda. Como era novo não era conhecido por isso, pensava ele que não corria risco algum de segurança por enquanto, tirando as formalidades protocolares.

Não tardou, alguém reconheceu o “Boy G” a sair de uma que viatura topo de gama e concluíra que deve ser por alguma influência que conseguira tal viatura e, como os vidros eram fumados não se podia ver se estava ou não alguém dentro dela.

-Gatuno de mer... são vocês que não gostam dos outros...a vossa casa não estão a mexer, não sei porquê, vens aqui com um carro bonito vais ver seu ca... - dizia em coro dissonante o grupo de crianças inocentes, jovens entusiasmados e adultos culpados.

Inteligentemente o juiz Ndangala reparou que as vias estavam sendo cada vez mais engarrafadas e, a única solução era manobrar e seguir o caminho de volta a casa. A mãe do “Boy G” a tia Zefa, foi uma senhora muito respeitada no bairro, pelo facto seu marido ter sido o tio Kanika, um antigo CPPA (Corpo de Polícia Popular de Angola) que impunha respeito onde quer que fosse e talvez por isso a tia Zita tinha “asas” por causa do marido.

Entretanto depois da morte do marido numa noite de festa, protagonizada por um grupo, membros da mesma família composto por dois irmãos, um primo e um tio que, tinham sido ruscados amando do tio Kanika, os jovens desertores tinham sido sussurrados durante quem foi que os denunciou quando numa madrugada de Junho, escondidos nas margens do rio Kakuluvar, foram surpreendidos, ruscados, fizeram a recruta no Kapolo e, foram enviados para a linha de combate no Lukusse, onde numa batalha perderam um dos irmãos e juraram um ódio votado e vingarem a perca do irmão, primo e sobrinho pagarem a vida do seu parente.

Hoje a tia Zefa tornou-se uma devota que há 15 anos nunca faltou nem um dia às orações matinais numa capela cujo padre tem sido acusado de comer as ovelhas e por isso a capela foi declarada encerrada pelo tribunal canónico, mas como as velhas não podem parar de orar, todas as manhãs um grupo delas reúne-se a volta da capela para remir os seus pecados, pedir fogo para queimar os caluniadores do padre e para que o tribunal de

inquisição indulte a reabertura da capela e talvez por isso não foi sovada, mas também há quem alegue que foi porque a polícia chegou a tempo de intervir e o "Papoite Boy G", já tinha deixado a vida de confusões nas ruas, pois se fosse nos tempos idos ninguém ousava tocar na sua temida mãe a tia Zefa.

Sem muitos dentes e coelho, o Dr juiz Ndangala, recém-empossado que, estava a ser ensaiado com um processo que o catapultaria à um patamar estimado, tristemente tenta sem sucesso ligar para o director da cadeia no sentido de cancelar o julgamento, pois um imprevisto inviabilizou a sua ida ao tribunal e sem condições de segurança criadas não se podia trabalhar.

Como o Director não atendia, o juiz Ndangala entende apressar-se para casa, mas posto num cruzamento há duas quadras de casa depara-se com outro engarrafamento porque muitas ruas estavam interditas. Na tentativa de entender o que se passava, arreia os vidros fumados para poder ver

a melhor alternativa de chegar em casa, quando de repente aparece um adolescente que lhe aponta uma pistola a lhe exigir que entregasse imediatamente o telefone. Um telefone da quinta geração e caro. Não estava a ter um bom dia! Foi ali que o juiz Ndangala nota que o escolta não estava consigo e quão importante é a sua função.

-Não brinca comigo porr..., eu não sou bolo fofo, dá lá essa porcaria de telefone! - vociferou o puto sem medo das consequências de tentar assaltar um juiz.

-Meu rapaz tu és muito jovem para... - responde o juiz. O rapaz espumando pela boca, trémulo e ansioso pelo primeiro assalto de um smartfone diz: - cala essa boca se não queres que te met...de repente o jovem juiz entrega um telefone caro que havia comprado com o seu terceiro salário. Terceiro porque como africano o primeiro salário é para "comer" com familiares, parentes e amigos que directa ou indirectamente participaram da sua formação, por isso é em África se diz que os pais só nascem, mas os filhos pertencem a comunidade. O

segundo salário do agora juiz Ndangala, foi para acabar de pagar a dívida dos dois bois que o seu pai havia contraído nos dois últimos anos na faculdade e do tempo que andou no curso da magistratura. Então o terceiro poderia desfrutar como bem quisesse, bem como conseguir outros bens caprichosos até ao quinto salário, pois o sexto serviria para comprar terreno e começar a construir a casa dos seus pais, de seguida a dele, para que no prazo de 4 anos se casasse e não venha fazer envergonhar a família com namoricos e esbanjamento de dinheiro, pois ele sabe muito bem por que passou e já mais desejaria que os seus filhos passassem por aquilo.

Delicadamente o puto petulante, recebe o telefone e cuidadosamente com a mão esquerda coloca-o no bolso, enquanto a direita, continuava apontada para o meritíssimo Ndangala. Num ímpeto escuta o som da sirene policial, sai a correr no meio daquele caos caótico, o juiz tenta gritar, mas até ele mesmo sabia que seria difícil apanhar o rapaz, pelo menos havia ficado com a pistola que o adolescente deixou

cair no interior do carro do juiz pela precipitação assim que ouviu a sirene do carro dos agentes policiais que vinham regularizar o trânsito engarrafado há mais de duas horas, inclusive alguns passageiros dos táxis, preferiram descer e caminhar até aos seus destinos.

Ao meritíssimo Ndanga só restou recolher a pistola nova brilhante e lava-la a polícia para servir de prova do crime, mas enquanto reflectia no sucedido e suportava a fila do trânsito reparou que era meramente um brinquedo replicado de pistola. Ali ele fica furioso consigo mesmo e se pergunta porquê foi tão ingénuo, aperta o brinquedo na parte central do volante e, acciona sem querer a buzina durante 15 segundos, o que incomodou os agentes de trânsito que, foram lá ter com ele lhe aconselhando para ter calma pois não era o único que estava no engarrafamento e se voltasse a interferir no trabalho deles, seria recolhido para as cadeias, sereno nem se lembrou em se identificar e expor a sua questão, mas deu conta que involuntária e desesperadamente havia encostado

aquele objecto ao volante, tentou pedir desculpas, só que já era tarde pois os agentes já estavam distante em cumprimento da sua missão. Mesmo que fosse seria desperdiço de tempo pois naquele dia havia muita gente na rua e todas as atenções rodoviárias estavam viradas naquele quarteirão.

Alguns dos que estavam no engarrafamento eram professores e alunos que faziam a última prova do ano, outros eram os declarantes e testemunhas que iriam ao tribunal para participarem do julgamento de que eram acusados os seus parentes, outros eram ofendidos do processo em que o jovem juiz iria julgar naquele dia. Havia naquele engarrafamento pacientes com consultas marcadas há muitos dias, havia bancários e funcionárias das creches, havia empregadas domésticas que iriam receber as chaves de casa dos patrões, quando esses fossem trabalhar, havia médicos e enfermeiros com pacientes a sua espera, quer nas consultas externas quer nos blocos operatórios, havia cozinheiras de restaurantes, mas também havia mulheres e homens que ganhavam vida fácil,

afinal era uma segunda feira em que tudo acontece de manhã, em fim havia quase toda classe socialmente produtiva ou não naquele engarrafamento. Por isso muitos preferiram continuar a sua marcha a pé.

Depois de 30 minutos os populares que vinham acusando, a tia Zefa, foram esclarecidos que nada tinha a ver com a velhinha devota, pois um vizinho bêbado num desses dias pediu dinheirinho a velhota que havia deixado todos os trocos na igreja, num propósito que fizera para resgatar o "Boy G" da vida criminosa, a fim de não ter o mesmo destino que o pai, o velho Kanika; como a tia Zefa não atendeu ao seu pedido o vizinho passou a destilar ódio a velha que tinha uma modesta casa que os filhos com muito sacrifício remodelaram depois da morte do pai, com o dinheiro vindo da pensão de sangue acusando-a como sendo a malandra o bairro. Coisas nossas!

Esclarecido que foi o assunto o "Boy G" que na verdade se chama kito, uma corruptela de Joaquim,

repara que já não estava no mesmo local a viatura cujo juiz ele escoltava e, entende ir ao encontro do juiz Ndangala ao Tribunal.

No tribunal, todo aparato estava criado para mais uma sessão de julgamento mediatizado que envolve uns dos mais temidos grupos de marginais, já lá estavam quase todos os órgãos de comunicação e inclusive o porta-voz do tribunal, havia emitido um comunicado em directo para mais de quatro cadeias de televisão e inclusive todas as rádios da cidade os seus repórteres destacados para cobrir aquele evento, anunciavam de tempo em tempo a informação, de que o julgamento mediatizado, poderia começar a qualquer momento. Por isso as especulações eram de que talvez a demora devesse a questões de asseguramento dos réus e do juiz pois, tratava-se de um grupo considerado pela polícia como altamente perigoso.

Quando o Joaquim chega ao tribunal e pergunta pelo juiz Ndangala, lhe informam que o juiz não tinha aparecido ao serviço e estava com o telefone

desligado. A cadeia também estava incontactável e, pelo adiantado da hora, o chefe do cartório decidiu mandar esperar todos, mas sem sucesso.

Enquanto todos presentes sussurravam nos corredores e comentavam sobre os acontecimentos matutinos da cidade, a senhora da limpeza a tia Luísa, ouviu a conversa e, intromete-se dizendo ter visto o juiz Ndangala no engarrafamento quando vinha para o serviço e, ao descer do táxi para não atrasar, viu que o que parecia o carro do juiz, mas que não tinha tanta certeza de quem estava dentro porque os vidros são fumados.

Devido a estes constrangimentos só as 12 horas é que, reunido o secretário judicial com o seu elenco e mais a corte de juízes, procuradores e advogados presentes naquele dia no tribunal, decidiram que o porta-voz comunicasse a declaração do adiamento do julgamento, mas para que tivesse uma linguagem técnica muito bem elaborada para não deixar os já ofendidos ainda mais tristes, teve que fazer uma redação bem estruturada e, isso levou

que só as 15 horas é que foi oficializada a nova data, aos presentes e a imprensa, já cansados do engarrafamento, da espera, com fome e sede, as suas guias de dispensa para quem era funcionário, foram visadas para regressarem em 10 dias.

Como era de se calcular os utentes e interessados do processo levaram muito tempo para digerirem tal informação, sem imaginar qual foi a ginástica que cúpula dos operadores do direito teve que fazer para solucionar tal imbróglio.

Preocupado, o Joaquim toma a mesma rua pois, foi a ele confiada a integridade física de um juiz. O jovem Joaquim Kanika, filho do tio Kanika, um Kimbari sem papas na língua, é irmão mais novo do “Man Pepas” o Pedro Kanika que era colega de escola do juiz Ndangala.

Como é óbvio o juiz, tem a ficha dos antecedentes deste jovem e, coincidência ou não sempre que fosse a semana deste escolta sofria um furto, um

roubo ou um assalto, pois havia duas semanas que o juiz foi fazer compras no Mutundo e de regresso notou que o pneu de socorro do seu carro havia sido roubado, lembrou também que no último final de semana quando foi a barbearia, alguém esvaziou o pneu de trás do seu carro; em menos de dois dias mesmo com o escolta lhe roubam um telefone dos sonhos? Felizmente não acontece nada nos dias do outro escolta o Manico, o que lhe levou a associar azar e uma suspeita muito grande do jovem.

Sem muitas cerimónias põe-se a correr nas artérias, mas sempre protegendo a sua pistola, vislumbra um carro que parece o do juiz, tenta correr com todas as suas forças, quando os agentes que regulavam o trânsito autorizam que a fila do juiz avançasse, o escolta bate no vidro do mesmo lado onde apareceu o adolescente assaltante, sem reconhecer o seu escolta e com medo de ser novamente assaltado, o Dr Ndangala acelera a viatura e, quando faltavam apenas poucos metros de sua casa, reduz a velocidade e percebe que era o kinito, imobiliza a viatura, põe-se a ralhar o escolta com ameaças,

mas a sua educação não permitiu, de seguida pediu desculpas e, cada um passou a contar o que havia acontecido depois de se deixarem naqueles instantes. O escolta viu o seu “pão no gasóleo”.

O juiz olha para o Kinito e lhe dá uma notícia surpreendente e arrepiante:

-Infelizmente já não vai dar para contar consigo, és um “bom gajo”, mas já não dá para trabalhar consigo. O juiz Ndangala sempre na sua forma bem-educada e pedagógica, lembrou ao jovem polícia, filho de um antigo sipaio colonial que depois, integrou o extinto CPPA que, por extensão da confiança e petição aos seus sequazes e ex-subordinados incorporaram o Kinito na UPIP (Unidade de Protecção as Identidades Protocolares), apesar do seu passado turbulento. Bem treinado em artes marciais mistas, já tinha sido visado como um dos principais delinquentes do seu bairro, mas, com a idade, muitas orações do grupo tia Zefa e os conselhos do irmão hoje Kinito representa um modelo de superação no bairro e por isso, tem esse voto de confiança para proteger tal entidade.

Nisto o juiz já, havia ligado ao comandante da UPIP, para suspender este escolta e instaurar imediatamente um competente inquérito para um processo disciplinar e criminal por abandono do local de trabalho por motivos fúteis, em fim, foi uma série de tipificações de crimes que até o chefe "Coragem" mesmo com a sua experiência laboral ficou confuso.

O jovem ainda tentou sem sucesso se explicar, dizendo que foi com a autorização do magistrado que ele desceu do carro e não tinha nada a ver com o sucedido.

Veio-lhe a ideia de desconfiança do seu colega, o Manico.-Como é que tudo só acontece nos meios dias de trabal???-aló você quer arranjar problemas para as pessoas? Venha imediatamente ao comando, antes que sejas conduzido imediatamente para as cadeias; - mas por favor quem fala? Cala a boca está a falar com o seu comandante e passe agora aqui para deixar a pistola, vai para casa e só vou falar consigo amanhã.

O Kinito, ficou alguns 2 minutos apagado e atónito sem saber se podia seguir o juiz para ver se este reconsidera a sua decisão não obstante a ligação ao comandante. O comandante “*Coragem*” é um antigo comando búfalo que no âmbito das reconciliações, passou para a UPIP, devido a sua forma pragmática de resolver problemas, as suas valências e experiências em reações serenas face a situações de perigo bem como a rápida retirada e recuo estratégico diante de uma ameaça iminente. Tem muita experiência: tinha sido guarda-costas de muitas entidades do país, já participou em eventos considerados de baixa, média e alta magnitude e risco no mundo todo. Treinado em Israel, passou por Marrocos, África do Sul, China e nas Coreias, Médio Oriente, fala mais de 13 línguas incluindo as variantes árabes, africanas e asiáticas. Esteve em missões no Vaticano, trabalhou no Afeganistão e só veio parar cá devido ao facto de estar a ser preparada a visita de um Imã e, que vem ver a comunidade muçulmana, esses eritreus, malianos, libaneses, guineenses, entre outros árabes e mesmo angolanos que se converteram nesta fé, onde alguns são extremistas.

Foi preciso que um dos esquadrões que ele comanda se destacasse nesta cidade, afim de se ambientarem com os riscos urbanos e suburbanos ao mesmo tempo e instruir jovens polícias e não só, afim de escoltarem o protocolo das entidades que eventualmente venha contactar ou reunir. Acontece que se ouviam relatos de haver muitos vícios naquela unidade de forma transversal o que constitui grande ameaça do seu efectivo pelas suas especificidades. Inclusive o anterior comandante tinha sido suspenso enquanto decorria esse inquérito e, a comissão concluiu que toda a culpa recaia ao comandante que acabou por ser acusado de vários crimes designadamente: peculato, assédio, associação de malfeitores, burla, influência de uso de mixórdia (feitiço), por parte dos efectivos, descaminho de bens da unidade... É uma lista enorme de crimes, encontrada pela comissão de ispenção do ministério do interior, um trabalho que corria tão bem e que, iria terminar com os efectivos dos serviços prisionais, caso não se dessem esses acontecimentos.

O comandante "*Coragem*" é muito conhecido e influente, normalmente não recua no que diz e nas decisões que toma; uma dessas vezes quase que disparava para um alto dirigente quando tentava desobedecer a ordem de ser protegido numa das manifestações, além disso o comandante "*Coragem*" e toda a sua tropa de elite tinha boa reputação por onde quer que passasse, por isso está a ser pretendido para trabalhar para a Interpol.

O Kinito sabia muito bem disso, aliás todas as segundas feiras as cinco horas na formatura geral são bem lembrados sobre esses e outros imprevistos de situações em serviço, e até porque uma das cláusulas do juramento que fez foi colocar a sua vida em causa em defesa de uma entidade protocolar.

Quando voltou em si, o jovem escolta não sabia se iria para a casa da mãe para reforçar a oração para mostrar que agiu com a autorização do juiz ou então iria para o quartel e pelo menos deixar a pistola.

-Me larga, me larga, - gritava o jovem assaltante, ao entrar na sua rua quando foi reconhecido pelo primo da Nguevinha que havia sido acusado de engravidar a Ngueve. Como ele havia passado as férias em casa da prima, tudo indicava que era o Quito que havia engravidado a Nguevinha, mas o Quito, conhecia bem o Cassule que era um jovem bastante atrevido e famoso de ser um ngobidi (assediante) da banda.

- O que é que foi? - retorquiu a velha Minga a mãe do Cassule - largam o meu filho, ele nunca foi gatuno. - Não tia Minga ele não roubou, ele engravidou a minha prima e agora estão a me acusar lá eu por isso nunca mais fui lá porque se não vão me bater por ter supostamente abusado a casa da minha tia e hoje lhe encontrei.

Ali o coração do Cassule ficou mais calmo, pois pensava que era alguém que o viu a assaltar o Juiz Ndangala.

-Hoooo, me larga ontem os velhos já tiveram uma sentada está tudo explicado, eu vou ficar com ela, só estou a espera para ela terminar os estudos, depois vamos se unir senta ali. Hoooo a final a Nguevinha é tua prima? Passei só bem mal... eu fui comprar um telefone para ela só que não me deram o carregador e como estava a fazer confusão na rua devido a falta de carregador, pensei que eram os madiés que me seguiram no cubico.

-Kkkkkkkkkk, eu sou primo da Ngueve a tia Mbombotela é irmã do meu padrasto que me criou desde pequeno, como os cotas viajaram, para não ficar sozinho em casa fui mbora ficar duas semanas lá em casa deles e, esses dias os cotas descobriram que a ndengue esta pwã (grávida) e, agora estou quente, mas ela me disse que era tua gravidez, até porquê eu nunca ferrei com ela. O mais lixado é que o Nguito esses dias começou a trabalhar na comarca e está toda hora a me ameaçar, disse que onde me apanhar estou lixado. Ele estava lá? – perguntou o primo ao Cassule.

-Nada disseram que ele estava de salo, mas dizem que ele também já sabe de mim por isso nunca mais te chateou.

Ao passar pelos labirintos do bairro, o Nguito pulou o pequeno muro: - Afinal o que é que se passa aqui? - ainda bem que chegaste, cota esse gajo hoje vai ver- respondeu o Jambito.

- Eu já lhe desmaiei - respondeu o vizinho langa, enquanto o agente que entrou no quintal da Nguevinha, se encontrava deitado e imobilizado, tudo sob um olhar melindroso do pai por meio do buraquinho da fechadura da sala, temendo que a polícia viesse e prendesse o Jambito e o vizinho langa que estavam a agredir o agente da polícia. O velho sabia bem das consequências pois ele é um polícia reformado.

- Não façam isso. -Disse o Nguito já quase cansado e meio frustrado por tudo que já havia visto numa só manhã de segunda feira.

-Xê Mantonas! - assustou o Nguito ao reconhecer o seu colega que partilhavam o mesmo dormitório durante o período de recruta na Cahama.

-Lhe bate mesmo ele pensa que só porque é polícia vem em minha casa e abusa? - eram as palavras do tio Kossengue, o antigo polícia que respirava um ar de alívio ao ver desesperadamente chegar o seu filho Nguito.

-Não façam isso - disse o Nguito enquanto tentava limpar a lama que pegajosamente não largava a farda do Mantonas, quando de repente batem o portão do tio Kossengue.

-Colicença, pu,pu,pu, Puuuuu. Colicença, pupupupupu...colicença senhor coordenador.

-Sim senhor. - respondeu o tio Kossengue que se dirigiu rapidamente ao portão e reparou que estavam no seu portão o soba do bairro, o chefe da fiscalização da Administração municipal, um oficial

superior da polícia, uma equipa de pronto socorro de bombeiros e técnicos de saúde assim como um contingente de três efectivos da PIR (Polícia de Intervenção Rápida) que se dirigiram a casa do velho Kossengue, na qualidade de coordenador da zona F do bairro.

-Bom dia senhor coordenador. - Bom dia sim chefe!

- respondeu o tio Kossengue.

- O que se passa aqui? Perguntaram todos em coro ao tio Kossengue.

-Meus senhores o que se passa pergunto eu, porque desde manhã muito cedo chegou aqui esse jovem (indicando com a sua muleta canadiana ao polícia lamacento, enquanto acenava com a cabeça sinalizando a sua autorização para a entrada ao seu quintal), a dizer que estavam a demolir as casas, empurrou a minha filha Ngueve que até partiu a bacia quando ia para o banho e até agora não consegue andar porque parece que torceu também

o pé, isso só deve ser inveja porque foi ontem que o namorado veio aqui se apresentar e ela tem que fazer prova. Ó Ngueve! Ngueve! Jambito chama aí a Nguevinha para não pensar que estou a mentir. - Continuou o tio Kossengue.

Quando o tio Kossengue se referiu da bacia, quase todos pensavam que foi a bacia pélvica e a perna, mas quando o Jambito vem ao encontro do grupo em que se encontrava o pai, carregava consigo uma das partes da banheira partida e ele com algumas escoriações no braço e perna esquerda.

Olha! Olha! Exclamava o tio Kossengue indicando na direcção de onde vinha a Nguevinha. E continuou: a sorte foi o meu inquilino lang, o meu filho Jambito e o Nguito que fizeram tudo para que ele não começasse a partir a casa. Mesmo que fosse para destruir não me avisaram nada eu que sou coordenador deste bloco, mesmo o soba ontem tivemos juntos na sentada da Nguevinha aqui em casa e não me disse nada? Essas coisas, as vezes me apetece voltar a meter a farda.

-Pai a Nguevinha não está, parece que alguém ligou para ela e saiu bem rápido e já não estava mais a coxear- informou o Jambito.

Afinal a Ngueve, havia recebido um telefonema do Cassule afim de entregar o telefone que lhe havia solicitado porque ela era a única do grupo da escola que não tinha um telefone smart e, já havia dois meses que o Cassule a prometeu comprar, ainda que fosse usado, mas em boas condições ela aceitaria de bom agrado. Finalmente o dia tinha chegado para a Ngueve ter o tão esperado telefone que os pais não tinham possibilidade de comprar e, isto daria igualmente outro prestígio ao Cassule que era visto simplesmente como um rapaz sem possibilidade de conseguir pelo menos um telefone para a sua futura esposa.

-Quem te mandou entrar nas residências dos cidadãos? - Perguntou com o semblante castrense o chefe da polícia.

-Chefe eu...- cala essa boca e vai directamente a viatura onde estão os seus colegas. Isso é insubordinação e vais ser punido por isso.

-Desculpa senhor coordenador, pelo facto de o nosso agente ter penetrado no seu domicílio sem uma prévia autorização. Nem o soba, nem o senhor comandante ninguém sabia disso. Sabe como é nén? Nós só recebemos ordens superiores de colocar os meios e homens no terreno às cinco da manhã até novas ordens. Não era para começar as demolições, era apenas para colocar os nossos homens em posições estratégicas, para o caso de se despoletar um motim, por isso fomos solicitar primeiro o soba e como não conhecíamos a sua casa é ele que nos conduziu até aqui. - Justificaram estranhamente de forma interpolada o fiscal responsável pelas demolições e o chefe da polícia responsável por aquele evento.

- Então esse polícia queria começar a destruir a minha casa porquê- perguntou nervoso o tio Kossengue.

- Isto não era para ser assim, o jovem polícia se atrapalhou, entendeu mal o seu papel e já vai pagar por isso. As nossas desculpas. - Justificou o oficial da polícia agora num tom mais calmo, tendo acrescentado que este jovem era novo na corporação e que só estava há uma semana.

-Colicença! É o senhor Miguel Kossengue? - Perguntou um jovem com ar de superioridade dirigindo-se ao Nguito que se encontrava conversando com o irmão Jambito e o vizinho langa, quando tentava entender o que se passava. - Sim sou eu. O que se passa?

-Venha comigo! O senhor vai ser encaminhado para as cadeias por insubordinação, desacato ao superior, incumprimento de uma missão delicada, desobediência aos princípios castrenses, destruição das estruturas patrimoniais do estado, tentativa de homicídio na sua forma frustrada, descaminho do bem do estado (viatura), tumulto no local de trabalho, vexame da direcção diante dos visitantes e parentes, desonra do juramento das doutrinas

militares, entre outras acusações e calúnias, demonstrando assim um comportamento indecoroso em fase de provimento, enquanto servidor do Estado, estás preso! – Anunciou nestes termos o representante do inspector nacional que estava na comitiva da supervisão aos serviços penitenciários que ao assistir todo aquele episódio repugnante, muito rapidamente orientou o director da cadeia reunir o seu conselho jurídico e disciplinar afim de encontrar uma medida punitiva pelo comportamento do seu efectivo ou então o Director seria automaticamente punido e exonerado de forma severa.

-Meu Deus, o meu filho já dormiu de serviço, ele fez muito esforço para chegar aqui e resolver um grande problema, porque senão esse polícia iria invadir a minha casa, o que se passa afinal aqui minha vida? – Questionou desesperadamente cansado o velho Kossengue, mas ninguém ousou responder ou opinar, nem mesmo o representante do Comandante Provincial da polícia.

De forma humilhante, mas despercebida o Nguito foi algemado e, "transportado" para a viatura de vidros fumados onde já se encontrava sentado o Director da cadeia com a gravata ao peito e com a guia de despedimento do Nguito já assinada, mas apenas queria dar uma chapada na cara do Nguito por ter lhe feito passar por uma vergonha diante dos seus superiores. Isso foi na sequência do chefe do património ter aparecido no estabelecimento prisional, onde lhe foram retiradas as chaves, exonerado e conduzido as celas. Afinal o chefe do património sabia da ida a cadeia dos inspectores, mas um dia antes era a sua folga e aproveitou ir passar a noite numa namorada que é amiga da namorada do director da cadeia.

Quando o director sai do seu gabinete, se dirige sem medidas mínimas de esforço de segurança atrás da cozinha geral da cadeia ao sacar do cafocolo do casaco o telefone privado, liga para a sua namorada que havia se chateado com o seu namorado (director) pois, não ligava para ela havia cinco dias, esta lhe informou do que o casal amigo

tinha passado a noite na pensão habitual e, como sempre no deserto pode ter uma folha, um cozinheiro ouviu sem querer a conversa porque o senhor director pensou que estava numa zona privada e colocou o telefone em altifalante.

Na verdade, o jovem polícia que “invadiu” a casa do tio Kossengue foi um antigo pretendente da Nguevinha, mas que não conhecia nenhum parente dela. Conhecia bem a casa da menina que havia partido o seu coração. Como ela não satisfez os seus intentos por dois anos preferindo o Cassule, o jovem decidiu incorporar-se na polícia e numa das suas primeiras missões de apaziguar os nervos populacionais, entende ir a casa da Nguevinha com ar de intimidar para ver se a Ngueve se arrepende ou então reconsidera a sua petição.

Um dos colegas do Nguito vai algemá-lo, retira o cinturão, palpa os bolsos do Nguito para ver se encontrava as chaves da viatura, mas acontece que a chave tinha igualmente caído, quando ele pulou o quintal na tentativa rápida de acudir a briga.

-A chave? A chave pah? Perguntavam os seus colegas junto ao inspector. Fala ou vais apanhar umas cacetadas. Era muito triste ver o tio Kossengue a assistir todo aquele episódio dentro do seu quintal. Um antigo e temido furriel do exército colonial, antigo comandante do Corpo de Polícia Popular de Angola (CPPA), um senhor que resolvia todos os problemas com tiro, hoje velhinho e cansado parece estar a colher o que plantou, pois no passado ele era o responsável das rusgas por ter uma boa memória na fixação dos residentes do bairro e devido a sua condição de convalescente, tinha sido indicado como informante de quais adolescentes já estavam em condições ou não de serem rusgados, tanto é que as rusgas eram dirigidas e não aleatórias.

Na tentativa de localizar a chave da viatura dos serviços prisionais, alguém tinha que mergulhar na vala ao lado da casa e, de repente encontra a chave e um objecto estranho, ao segurar para puxar reparou que era uma pistola e naquele momento

procurou guardar para quem sabe passar a empunhar.

-A pistola era do jovem polícia que já estava a ser espancado e acariado na sala de interrogatório do comando municipal, depois de ser bem algemado e repreendido.

-Mas quem escalou esses homens? Me chamem já o homem da escala. -Era o comandante municipal da polícia. -Está de folga, alguém respondeu. -O quê?- Sim sr Comandante ele trabalhou todo o final de semana, fez a escala e saiu.

-Aló, sim chefe- vem agora na sala operativa, agora! Mas chefe tin, tin, tintintimm- era o telefone do comandante provincial a solicitar uma reunião emergente com a cúpula de defesa e segurança da província e particular do Lubango.

-Amor é o que isso no seu dedo? - Perguntou a Nguevinha ao Cassule - é o portão, assim que cheguei me entalai e não foste pra escola porquê?

-Não sabes o que se passou? Hoje queriam partir as casas da minha zona, só que houve uma confusão e até agora lhes deixei lá, só vim mesmo porque me falaste para vir buscar uma coisa.

-Hammm, veja só, é o fone que te falei, como falaste que as outras tiram bué de foto com os telefones delas bonitos, eu também quero que você tire algumas fotos com a gravidez para quando o nosso filho nascer se lembrar. Está aí, só que os moços que me venderam disseram que iam me dar só o carregador outro dia. E eu que já lhes paguei?

-Não faz mal, disse a Nguevinha. Eu nunca tinha sonhado com um telefone desse, o nosso filho vai ficar bem contente com as fotos e vai dizer que tem um pai batalhador e atento, beijo obrigada ya? Tenho que ir porque não sei como estão lá em casa.

-Ela não pode estar aqui, ela está grávida, por favor a culpa é minha. -Estás a fazer o que aqui? - perguntou o Nguito ao entrar para a cadeia e encontrar a Ngueve a chorar e o Cassule algemado num dos cantos.

A Nguevinha estava sendo acusada de ter sido a mandante do roubo do telefone do juiz, protagonizado pelo Cassule.

O Cassule estava a implorar depois de ser preso e espancado, pelo Kinito que, diante do desespero pôs-se aos prantos na rua. Um homem de aproximadamente 1,8m um corpo robusto, chamou a atenção das zungueiras, dos vendedores de máscaras, carregadores e chouriço que aproveitaram o engarrafamento para facturarem e muito naquele dia que, sentiram compaixão e revelaram que era o Cassule que tem sido o assaltante perigoso daquela zona. Na semana passada recebeu um monte de chouriço e não pagou; no sábado de noite vendeu um pneu à um senhor que vive ali ao lado e hoje lhe vimos a

roubar um telefone de um senhor que te vimos a conversar com ele, só que ele disse que quem falar vai ver...

Colilança chefe! É o colega que quer falar com o maior. - Solicitou ao juiz Ndangala o colega do Kinito que teve que ser substituído pelo comandante "*Coragem*".

-Eu já disse que é para ele não cruzar mais o meu caminho - Disse o juiz.

-Mas chefe ele disse que localizou o telefone. - O quê? Vamos lá.

Quando o juiz saiu o Kinito, contou o sucedido e, decidiram então ir ao comando municipal, onde conseguiram localizar o Cassule, por sorte do juiz a Nguevinha que não sabia dominar bem o novo telefone e por isso nada estava perdido, mas o juiz não podia reaver o telefone sem os termos de

entrega e recebimento, devido a ausência do comandante.

-Quero um inquérito sobre isso e até amanhã a estas horas quero um relatório conclusivo do que se passou aqui hoje, até porque os inspectores estão a trabalhar aqui no Lubango, eu não quero estragar o meu pão nem o pão de ninguém. - Afirmou o comandante da polícia.

Nesta reunião já não estava presente o director das cadeias que havia sido suspenso pelos inspectores que assistiram todo o episódio no estabelecimento prisional, passaram-lhe um certificado de menoridade por não conseguir conter aquele tumulto o que revelou falta de autoridade moral, pois o responsável do património só foi localizado as 11 horas.

Mais tarde viríamos a saber que afinal o director também namorava com a Nguevinha por isso é que

o Nguito foi trabalhar nas cadeias, o Nguito não lhe respeitava porque sabia disso.

Enquanto o escolta que estava sendo despedido, discutia com o oficial dia na tentativa de esclarecer o sucedido, temendo ser punido e despedido, o juiz Ndanga, calmamente via o seu telefone de longe quando apareceu o comandante municipal que compreendeu a situação do juiz e autorizou que lhe fosse devolvido o telefone e com a petição do Nguito, a Ngueve também saiu contente por ter deixado as cadeias. Mas ao Nguevinha reconheceu o Dr Ndangala e ambos se saudaram efusivamente porque o juiz era namorado de uma amiga da Nguevinha, só que estava triste porque não sabia quanto tempo o pai do seu filho ficaria na cadeia temendo que o filho nascesse sem conhecer o pai.

Na cadeia ainda estavam o Cassule que era também amigo do Nguito, o próprio Nguito, o Mantonas e o outro polícia aquele que encontrou a chave e tentou roubar a pistola do Mantonas que havia caído no quintal do tio Kossengue.

Durante a caminhada de regresso já era fim do dia, o juiz ligou para o Comandante "*Coragem*" afim de esclarecer o mal-entendido com o Kinito, pediu desculpas, dispensou o agente substituto do Nguito, mas como tinham que deixar a Nguevinha em sua casa, ao lado do bairro onde vive a mãe do Kinito, vislumbraram um grande tumulto e ao tentarem perceber, viram que eram os vizinhos que estavam a dançar de contentes pelo facto de o Cassule finalmente ter sido levado a polícia depois de muitos anos a roubar a vizinhança e a mãe sempre o acudia.

Triste a Ngueve que ao aperceber-se da situação, em meio a vergonha e a raiva disse que era melhor que o Cassule apodrecesse mesmo na cadeia, esse filho também não é dele era de um papoite, ela só queria mesmo encontrar alguém para hipotecar e não estragar o lar do tio que arranjou emprego para o Nguito, lhe pagava os estudos e ainda lhe prometeu emprego.

Naquela tarde a tia Bombotela que não assistiu o episódio, de regresso a casa, cansada ao se aperceber que o Nguito estava na cadeia jurou tirar toda roupa se não soltassem o seu filho, mas antes mesmo de sair de casa o Nguito estava a entrar, pois tudo ficou esclarecido.

O caso de demolições, era apenas um negócio do fiscal, do administrador e do comandante municipal que queriam usurpar um espaço ilegalmente e colocar um prostíbulo, pois era o negócio que estava a dar muito dinheiro em época de pandemia.

Os inspectores naquele dia não trabalharam mais na Huíla, voltaram ao hotel e no dia seguinte tiveram que trabalhar noutras províncias.

No dia seguinte nenhuma imprensa falou mais do sucedido, senão as redes sociais que circulavam muitas imagens do evento e outras falsificadas. A verdade é que o bairro acordou calmo, o movimento voltou ao normal, o soba e os coordenadores das zonas como eram quase todos reformados

passaram aquela semana toda a beber canhome e caxipembe, macaou, chimbombo e outros frutos da terra, dos rios ar e terra e no calor daquela euforia, juraram unir-se e defender o bairro e qualquer invasão.





# **A Mentira da Nguevinha**

**Autor:** Hélio Tchuvica Sozinho

**EDITORA DIGITAL**

**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**

Belson Pedro Raimundo Hossi

Todos os direitos desta obra reservados a

**Hélio Tchuvica Sozinho**

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL**

**"PALOP " PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito ao autor original –

***Não é permitido modificar esta obra.***

***Não pode fazer uso comercial desta obra.***

***Não pode criar obras derivadas.***

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

